

Neo-integralista e a propaganda política de extrema direita no Brasil contemporâneo

Jefferson Rodrigues Barbosa

Como citar: BARBOSA, J. R. Neo-integralista e a propaganda política de extrema direita no Brasil contemporâneo. *In*: DEL ROIO, M. (org.) **Trabalho, política e cultura em Gramsci: os 70 anos da morte de Gramsci**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 85-88.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2007.978-85-60810-06-2.p85-88>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Neo-Integralistas e a propaganda política de extrema direita no Brasil contemporâneo

Jefferson Rodriguez Barbosa¹

Nas primeiras décadas do século XX, nomes expressivos do pensamento conservador e autoritário nacional se agruparam na Ação Integralista Brasileira (AIB). Os integralistas foram na América Latina a mais expressiva manifestação de extrema direita. Enquanto movimento exerceu intensa militância em todo o país, e se tornou o primeiro partido de massa no Brasil entre 1932 a 1938. Porém não chegando à hegemonia da sociedade política. AIB foi reprimida oficialmente durante o Estado Novo, porém a sua militância perdura aos desdobramentos do pós Segunda Guerra Mundial (CRUZ, 2004; CARNEIRO, 2007).

A terceira fase militância integralista (CARNEIRO, 2007) é marcada pela descentralização partidária, porém, com militantes comprometidos com a difusão de sua propaganda política. Sendo, a socialização ideológica dos núcleos através meios impressos e eletrônicos dos herdeiros do Sigma, aqui interpretados como possibilidade de guerra de posição em busca da hegemonia.

As atividades dos integralistas na sociedade civil podem ser evidenciadas na realização dos dois Congressos Nacionais que ocorreram no Estado de São Paulo em 2004¹ e 2006. E através de sites na rede mundial de computadores.

No final da década de 1980 os movimentos e partidos e políticos centravam sua propaganda nos meios impressos, radiofônicos e televisivos. A comunicação e propaganda, porém, foram potencializadas pela rede mundial de computadores, abrindo novas possibilidades de interação entre membros de organizações visando à conquista de espaços na sociedade civil e no ciberespaço.

Nas disputas políticas do século XXI, as potencialidades da tecnologia instrumentalizadas para a propaganda política, marcam as organizações e partidos extremistas. Através da

¹ Bacharel e Mestre em Ciências Sociais pela FFC UNESP/ Marília.

¹ Segundo o relato de Carneiro em sua observação participante enquanto pesquisadora no referido Congresso: [...] em dezembro de 2004 reuniram-se os grupos dispersos que tentavam dar uma unidade ao integralismo. O 1º Congresso Integralista para o Século XXI reuniu-se na sede da UND (União Nacionalista Democrática) na capital paulista para nova tentativa de reorganizar a AIB. Esta pequena assembléia que reuniu representantes de Centros e Estudos e Debates Integralistas (CEDIs), núcleos diversos de simpatizantes que haviam se organizado em seus locais de origem com propostas debatidas internamente com o objetivo e expô-las e discuti-las no encontro, decidiu pela fundação do MIB (Movimento Integralista Brasileiro) e do Conselho Nacional Integralista formado por 40 membros que assumiram a missão de "resgatar o integralismo em todo o Brasil". Deste encontro também participaram representantes do PRONA, da União Católica Democrática, do MV-Brasil (Movimento pela Valorização da Cultura, do Idioma, e das Riquezas do Brasil), alguns militares da ADESG (Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra) e UND. O que então pude constatar é que esta pequena parcela da direita brasileira, carregado de posições ultranacionalistas procura através da organização conjunta, consolidar um discurso que não pretende levar em conta o debate democrático, preferindo fazer valer seus pontos de vista a partir de posições intolerantes e violentas (CARNEIRO, 2007, p. 153-154.).

socialização ideológica no ciberespaço, variados segmentos da extrema direita encontram um novo território para a ação e propaganda.

A política está no espaço da comunicação, como afirma Castells (2000) e nas últimas duas décadas têm ampliado o número de estudos sobre as relações entre fenômenos políticos, a interação social e o ciberespaço.

A organização partidária dos integralistas na sociedade civil e a busca pela hegemonia da sociedade política foram a bandeira levantada pelos núcleos da AIB espalhados pelo Brasil na década de 1930. Porém, os grupos integralistas se dividem em relação as suas posições diante de temas como o projeto político de Estado e de questões como o anti-semitismo e a solidariedade com outras tendências como neonazistas e fascistas. As valorizações de elementos como o espiritualismo cristão da denominada "Revolução Interior" de Plínio Salgado, as concepções normativas ao ordenamento jurídico do Estado Integral corporativista de Miguel Reale e o anti-semitismo de Gustavo Barroso diferem em influência das releituras da ideologia integralista dos três grupos integralistas contemporâneos em estudo.

As permanências e mudanças dos três grupos integralistas contemporâneos, em sua releitura da ideologia criada em 1930, é possibilitada através do análise das publicações impressas e artigos de sites de três grupos de maior expressão na conjuntura nacional contemporânea: a AIR (Ação Integralista Revolucionária) de Rio Claro-SP, o MIL-B (Movimento Integralista Linearista Brasileiro) de Campinas-SP, e a FIB (Frente Integralista Brasileira) de São Paulo e do Rio de Janeiro.

A Frente Integralista Brasileira (FIB), enquanto organização mais representativa dos integralistas contemporâneos, esta situada principalmente na cidade de São Paulo, através da Casa Plínio Salgado, no Rio de Janeiro através do Centro Cultural Plínio Salgado, em São Gonçalo e do Centro de Estudos e debates integralistas CEDI na capital. É formada em seus quadros de liderança por antigos "Águias Brancas", organizações de jovens que atuaram nos CCP – Centros Culturais da Juventude do PRP após 1945, aglutinados pelo discurso do catolicismo social de Salgado como matriz teórica principal.

O Movimento Integralista Linearista (MIL-B) foi fundado em 2004, pelo policial federal Cássio Guilherme Reis Silveira que antes participava de reuniões na Casa Plínio Salgado, em São Paulo. Porém, devido a sua interpretação da ideologia integralista, o Linearismo, ocorreram atritos, que levaram Cássio em 2006 a tornar o núcleo de Campinas independente da FIB, privilegiando a concepção ideológica de Gustavo Barroso como matriz teórica principal, enaltecendo o anti-semitismo. A Ação integralista Revolucionária (AIR) é o terceiro grupo contemporâneo mais expressivo, sob a liderança de Jenyberto Pizzotti, com sede na cidade de Rio Claro em SP. A AIR foi criada em 25 de dezembro de 2004 e seu diferencial insere-se na crítica a organização partidária do integralismo.

As divergências entre os grupos, como fatores que influenciam as táticas de guerra de posição das novas facções integralistas estimulam divisões em pontos centrais como reunificação do integralismo enquanto partido. Porém a propaganda dos novos integralistas se expande na rede inserida dentro do Príncipe Eletrônico (IANNI, 2000).

A difusão e socialização ideológica do jornal político proporcionam um caráter diretivo e organizativo para movimentos políticos não organizados em partidos tradicionais (Gramsci,

2000). O presente contexto é marcado pelas mudanças oriundas dos avanços dos meios de comunicação. E, para Ianni (2000), no mundo contemporâneo o papel que cabia ao partido, de organizador da vontade coletiva, se altera gradualmente em direção a outra dimensão social, a mídia é potencializada como ferramenta de socialização ideológica, suplantando a esfera de ação dos tradicionais partidos políticos.

Nessa nova dimensão da política propiciada pelo ciberespaço, os grupos integralistas mesmo divididos firmam presença. Inseridos na “agora eletrônica” os neo-integralistas suplantam as distâncias físicas e mobilizam grupos congêneres na reconstrução de possibilidades para sua militância.

Os integralistas contemporâneos, compreendidos como intelectuais na acepção gramsciana, mesmo não estando mais articulados em partido de massa, exercem novas possibilidades organizativas e diretivas através da propaganda política impressa, como jornais e informativos e através da internet. Partido e intelectuais aparecem em íntima relação no *Cademo* 12, §1:

Que todos os membros de um partido político devam ser considerados como intelectuais é uma afirmação que pode se prestar à ironia e à caricatura; contudo, se refletirmos bem, nada é mais exato. Será preciso fazer uma distinção de graus: um partido poderá ter uma maior ou menor com posição do grau mais alto ou mais baixo, mas não é isto que importa: importa a função, que é diretiva e organizativa, isto é, educativa, isto é, intelectual (*Idem*, p. 25).

Na perspectiva da Filosofia da Práxis Gramsci aponta que no contexto de ausência de partidos organizados os jornais são capazes de desempenhar as funções de informação e de direção política geral:

No estudo dos jornais como capazes de desempenhar a função de partido político, é preciso levar em conta os indivíduos singulares e sua atividade. [...] Jornais italianos muito mais bem feitos que os dos franceses: eles cumprem duas funções – a de informação e de direção política geral, e a função de cultura política, literária, artística, científica, que não tem um órgão próprio difundido. [...] Na Itália, pela falta de partidos organizados e centralizados, não se pode prescindir dos jornais: são os jornais agrupados em série, que constituem os verdadeiros partidos (GRAMSCI, 1999, vol. p. 218-221).

A nova configuração de tecnologias de mídia, informação e conhecimento, segundo Ianni (2000), é denominada de Príncipe Eletrônico, pois se em Maquiavel o príncipe representa o grande líder político e militar. E, se em Gramsci o príncipe moderno é próprio partido político que funciona como grande articulador das massas em vista da construção de uma nova hegemonia, atualmente as novas tecnologias de mídia se apresentam como um intelectual coletivo e orgânico.

O príncipe eletrônico pode ser visto como uma das mais notáveis criaturas da mídia, isto é, da indústria cultural. [...] Sim, o príncipe eletrônico pode ser visto como o intelectual orgânico dos grupos, classes ou blocos de poder dominantes, em escala nacional e mundial. [...] É claro que o príncipe eletrônico não é harmonioso, homogêneo ou, muito menos, monolítico. Está sempre atravessado por divergências, concorrências e influências. Em suas linhas gerais, no entanto, o modo pelo qual se desenha e movimenta o príncipe eletrônico permite defini-lo como o intelectual orgânico dos grupos, classes ou blocos de poder dominantes, em escala nacional e mundial. Um intelectual orgânico coletivo.²

² IANNI, O. O Príncipe Eletrônico. *Revista Mexicana de Derecho Constitucional*. Biblioteca Jurídica Virtual. Disponível em: <http://www.juridicas.unam.mx/publica/rev/cconst/cont/4/art/art1.htm> Data de acesso: 28 de julho de 2007. O Príncipe Eletrônico foi publicado no Brasil como capítulo da obra *Enigmas da modernidade-mundo*. (2000) do mesmo autor.

Segundo Ianni (2000) dentro das novas potencialidades dos meios de comunicação o Príncipe Eletrônico proporciona, no território em rede, novas possibilidades de estratégias de guerra de posição:

Em diferentes gradações conforme as peculiaridades institucionais e culturais da política em cada sociedade, o príncipe eletrônico influencia, subordina, transforma ou mesmo apaga partidos políticos, sindicatos, movimentos sociais, correntes de opinião, legislativo, executivo e judiciário. A fortuna e a virtú, das quais falava Maquiavel, tornaram-se atributos do Príncipe eletrônico. Uma parte fundamental da virtú de líderes, governantes, partidos, sindicatos, movimentos sociais e correntes de opinião pública tem sido construída cada vez mais pela mídia, como uma poderosa e abrangente coleção de técnicas sociais.

Em Gramsci é presente a preocupação de ligar os fatos políticos à morfologia social. O autor, contemporâneo do contexto político que ele mesmo definiu como Regime de Estolatria, entendia o Fascismo como uma forma de revolução passiva, uma revolução restauração articulado pela aliança de setores conservadores e da pequena burguesia.

No início do século XXI no Brasil os integralistas potencializam as novas tecnologias de comunicação e mobilizam militantes e difundem sua propaganda política. Nesse sentido, sua propaganda política, é aqui compreendida como ressonância inserida no universo polifônico do Príncipe Eletrônico "condottiere da sociedade global, arquiteto da agora eletrônica" (IANNI, 2000).

BIBLIOGRAFIA

CARNEIRO, Marcia Regina. S.R. Do Sigma ao Sigma – entre a anta, a águia, o leão e o galo – a construção das memórias integralistas. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFF, 2007. 424 p. CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo Hiper-tardio*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978. p. 663

CRUZ, N. R. Extrema-Direita e Seus Aspectos Ideológicos. *Cadernos do ICHF: Série estudos e pesquisas*, Niterói, n. n. 77, p. 09-16, 2002.

_____. Neo-Integralismo. In: Francisco Carlos T. da Silva. (Org.), *Enciclopédia da Guerras e Revoluções do Século XX*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, v., p. 610-612.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Vol. 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. *Cadernos do cárcere*. Vol. 3 Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000a.

GRUPPI, L. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. RJ: Graal, 1982.

IANNI, Octavio. *Enigmas da modernidade-mundo*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. O Príncipe Eletrônico. *Revista Mexicana de Derecho Constitucional*. Biblioteca Jurídica Virtual. Disponível em: <<http://www.juridicas.unam.mx/publica/rev/cconst/cont/4/art/art1.htm>> Data de acesso: 28 de julho de 2007.

MÉSZAROS, István. *O poder da ideologia*. São Paulo: Boitempo, 2004. 566 p.

MILMAN, Luis; VIZENTINI, Paulo F. (Org.). *Neonazismo, negacionismo e extremismo político*. Porto alegre: Editora da Universidade (UFRGS): CORAG, 2000. 223 p.

TOGLIATTI, Palmiro. *Lições sobre o Fascismo*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

TRINDADE, H. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: DIFEL, 1974.